

Ensaio

* Mestre em Direito, Magistrado Decano, Vice presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado de São Paulo, Professor Titular de Direito Penal das Faculdades Metropolitanas Unidas.

Não é sem razão que a Campanha da Fraternidade, proclamada pela Igreja Católica, logo após o evento do Carnaval, “em meio à chamada Quaresma”, (ou sejam os quarenta dias que se seguem a ele), optou pela divulgação da temática: Saúde Pública.

Afinal, a Igreja, sob qualquer denominação ou credo, há de posicionar-se em defesa da vida, e tal bandeira perpassa a saúde da comunidade como um todo. A saúde coletiva depende de condições individuais, biológicas, mentais, espirituais e psíquicas sendo alcançada pela preservação do meio ambiente.

Meio Ambiente, por sua vez, é o elenco de condições e influências da natureza biológica, física e química que propiciam, ensejam e protegem a existência, humana, animal, vegetal e até mineral, envolvendo seres e coisas vivas e inanimadas, ou seja, o ecossistema e a vida!

O homem, por sua vez, é o grande responsável pelo seu “habitat” natural, que vem agredindo, especialmente a partir do grande salto da civilização, conhecido como Revolução Industrial, nos albores do século XIX, incrementando a poluição natural, com expectativas de um futuro nada promissor.

É bem verdade que o homem é dotado de alta capacidade de adaptação às variações ambientais, graças a seu poder de conhecimento e domínio tecnológico, colocando-se no topo das demais espécies do planeta.

Desde o surgimento do universo, segundo os Evolucionistas, a cerca de treze bilhões de anos, a vida se acha em constante expansão, a partir do “Big Bang”. A seleção natural vem renovando as espécies, com características favoráveis e desfavoráveis, menos comuns, na esteira dos ensinamentos de Darwin, sobre a origem das espécies, por meio de seleção natural e a luta pela vida.

Já os adeptos da Teoria Criacionista, colocando a origem da vida no Criador Supremo, estabelecem leis naturais e as formas de vida, culminando com a criação do homem, e sua companheira para a edificação da família.

Em qualquer das hipóteses, o homem vem se revelando um egoísta, não preservando a natureza e destruindo seu próprio ambiente, para conquistar uma pretensa evolução técnica, científica, bélica, espacial e até política, cultural e religiosa!

Ao lado da “evolução”, cresce a “degeneração”, na contra mão da história com preços astronômicos pelas conquistas individuais e sociais, agora no ápice do existencialismo, do consumismo, do abandono da fé, da abolição da família, “a morte de Deus”, mesclando a razão com a insensatez, a paz com a guerra, a fraternidade com a dominação.

Ninguém põe em dúvida que a Terra vive os excessos da agressão humana, evidenciados pelo aquecimento global, pelo derretimento das calotas polares, pelas incomuns estiagens prolongadas, pelos furacões, abalos sísmicos, inundações, maremotos, tsunamis e cataclismos devastadores. Milhares de espécies sucumbiram e inúmeras se acham ameaçadas de extinção.

Sabe-se que a vida encontrou no planeta a condição ideal para se desenvolver, tal como a conhecemos, e, egoisticamente, a estamos eliminando, mesmo sabendo que no universo, tais condições podem não se repetir alhures. Vivemos um quase suicídio natural coletivo, indiferentes à revolta da natureza que provocamos irresponsavelmente...

O espaço da BIOSFERA, com cerca de 14 km de altura, na faixa equatorial, e 7 km, nas polares, e as décadas de quilômetros nos pelágos marinhos, compreende a raridade apta a propiciar a vida das espécies, desde as amebas e as algas, até o ser humano. Trata-se de um bioma sutil, equilibrado e único em que se sucedem a litosfera (meio sólido), a hidrosfera (meio líquido) e a atmosfera (meio gasoso), abrigando a vida, em todas as suas formas, em interação permanente, sob a destruição humana.

Sabe-se que, onde se preserva a natureza, existe futuro! Já entoava o renomado Victor Hugo, em França de antanho: “É triste pensar que a natureza fala e que o gênero humano não a ouve”!

O planeta azul, o planeta água, envolto em camada de gases que nos propiciam respiração, com cerca de 78% de Nitrogênio, 21% de Oxigênio e quase 1% de Argônio, que atuam na retenção de calor solar, além de outros gases como o CO₂ (dióxido de carbono), o CH₄ (metano), o N₂O (Óxido Nítrico) e o propalado CFC (Cloro Flúor Carbono), mantendo a temperatura ideal para a sobrevivência.

A Terra absorve a energia necessária, recambiando o excedente como radiação infravermelho, retida na atmosfera, graças à ação dos gases naturais. As várias formas de poluição, geradas pelo homem, estão trazendo o desequilíbrio, em razão da combustão desenfreada, depósitos de lixo, desmatamento, queimadas e decomposição orgânica.

Ao invés de adoção de autêntica política mundial de combate às várias formas de poluição, o chamado Protocolo de Kioto, buscou regulamentar as emissões de gás estufa, criando uma espécie de “alvará para poluir”, com emissão de toneladas de monóxido de carbono e gases poluentes, como o dióxido de enxofre, dentro de uma cota máxima.

Criaram-se créditos negociáveis entre os países mais e os menos poluidores, numa autêntica negociação entre eles (crédito de carbono), para se evitarem pesadas multas para aqueles.

Fixou-se naquele acordo internacional uma meta de redução das malditas emissões poluentes, tomando-se por base a situação em 1990. No período de 2008 a 2012, buscava-se a redução do efeito estufa num índice de 5,2%, para progressivamente, perseguirem as metas maiores.

O “crédito carbono” vem frustrando as expectativas mais otimistas, e os governos dos países mais poderosos, mega poluidores, buscaram, com isso, silenciar o clamor mundial, com movimentação financeira naquelas “negociatas”. Em 2009 e 2010, as transações do crédito carbono, beneficiando os poluidores, envolveram a soma de 286 bilhões de dólares, não logrando disfarçar os picos de temperatura do planeta (que variaram de 29,3 em 2008, para 30,6 gigatoneladas em 2010, com emissão de gases estufa), autêntico Record suicida, convulsionando a natureza

com terremotos, enchentes, degelo polar, tornados, distúrbios climáticos, alterações no ciclo vital da flora, fauna e restauração de moléstias aparentemente erradicadas. Eis o quadro dantesco que a humanidade não ousa encarar: sua autodestruição, triste, passiva e silenciosa!

Em síntese: O nível de poluição ambiental no planeta é igualado à indiferença dos homens! (Edy Gahr)!